AVEIRO, 23 DE NOVEMBRO DE 1984 — ANO XXXI — N.º 1368

SEMANÁRIO

PREÇO AVULSO — 12$50

Director, editor e proprietário — David Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «TIPAVE» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

Ora viva o «DISTRITO DE ÍLHAVO»!

MANUEL BÓIA

NESTES últimos cerca de doze meses — tempo em que o «Litoral», infelizmente, não floresceu... —, tem sido manifestamente insuficiente a defesa da unidade do nosso recanto distrital.

Continua a prescindir-se do essencial, a aceitar-se o divisionismo; e porque, de antemão, se sabe ser mau o nosso conhecimento do problema de fundo, vai-se institucionalizando a larga supremacia administrativa de Coimbra sobre Aveiro, espantosamente despótica e condenável.

Ao voltar a este tema, com o meu habitual frémito de indignação, de bom grado reconheço um facto que contrasta com a regra geral — o trabalho perseverante e produtivo, desenvolvido, nesta matéria, pelo actual Governador Civil, Dr. Gilberto Madail. A unidade distrital já teria chegado ao caos, se não fora o seu esforço útil e eficaz!

Mas a Assembleia Distrital, constituída pelos dezanove Presidentes de Câmara, gosta de amesquinhar o que há de bom, gosta de deprimir-se, gosta de diminuir quanto legitimamente pertence a Aveiro. E daí, na sua última reunião plenária, exaltar aspectos tão pouco dignificantes, tão denegridores de um Distrito de Aveiro fraternalmente unido, em demonstração cabal do profundo mal que nos aflige.

Estremeço de horror, sinceramente, ao ler as seguintes passagens, transcritas, com a devida vénia, do relato do delegado de «O Comércio do Porto» sobre a referida sessão, e na qual foram tomadas deliberações respeitantes à projectada Região de Turismo de Aviero:

....

«O Presidente do Município de Ovar chamou a atenção para o facto da Região de Turismo do Centro incluir nas suas actividades a zona geográfica do Luso, Curia e Buçaco».

....

«O representante do Município de Castelo de Paiva diria que o assunto ainda não tinha sido discutido com carácter definitivo».

....

«Está posta de parte a questão do concelho de Espinho, em que parece haver um consenso, a nível distrital, de que teoricamente pertencendo ao Distrito, na prática encontra-se ligado à Região do Grande Porto.»

....

Os leitores e eu, acerca da inconveniência destas tomadas de posição, parecemos não ter dúvidas: então quer-se defrontar o exigente mercado turístico nesta anarquia e esfrangalhamento, chamando Distrito de Aveiro a um território administrativamente disperso, sem espírito de solidariedade, sem que os seus membros se sintam qual povo de uma só Pátria, sem terem a consciência plena de que a unidade do Distrito não se discute, porque esse é o maior segredo de prosperidade para todos?

É incompreensível fomentar e organizar uma região de turismo distrital sem a presença de Espinho! Além de não ser verdadeira, a dificuldade em se impôr, num sector civilizado como esse, seria dolorosa, seria uma tarefa sem entusiasmo nem alegria, facilmente sujeita a agressões económicas daqui e dali. É que a criação da autêntica Região de Turismo do Distrito de Aveiro — continuo a preferir cognominá-la de «COSTA BRANCA» — constitui uma forte preocupação e inveja para as outras regiões vizinhas!

Escolhida uma solução sem aquele progressivo concelho, como se poderia garantir que, no funcionamento da nova instituição, entrariam, de forma duradoura, todos os outros? Concedido o privilégio a um deles, não nos poderíamos furtar a concedê-lo também a qualquer outro, se, a dada altura, se sentissem insatisfeitos...

Minados os alicerces por uma vez, sucederia que as garantias de um bom futuro da Região de Turismo tornar-se-iam mínimas e daí até à quebra da solidariedade inicial, à renúncia, pelo menos por iniciativa dos concelhos da Mealhada e Castelo de Paiva, bastariam dois dias. O fracasso e o prejuízo maior caberiam ao nome da nossa região de Aveiro!

Desejávamos que o exemplo da Região de Turismo do Centro — onde tudo se resolve muito depressa — fosse aproveitado e compreendido. Nesta comunidade, liderada por Coimbra, o aproveitamento dos competentes homens da Figueira da Foz não foi repudiado e tomou-se mesmo a arrojada decisão de fixar a sede dessa Região turística na Praia da Claridade. Pergunto: — quantas hesitações surgiriam, entre nós, se Espinho fosse proposta para a mesma tarefa?

O ideal que devia nortear a reunião da Assembleia Distrital esteve, pois, incompreensivelmente, afastado dos valores fundamentais, e custa-me, realmente, a entender o que lá se disse.

Procurar suprir as faltas é tarefa promissora e vital. Mas sempre organizada para ser um instrumento a favor do nosso Distrito, mostrando o que temos de bom. É uma irresponsabilidade agir de forma inversa, caindo-se em hesitações e facilidades, pois vai uma grande distância entre um Distrito de Aveiro uno e indivisível e um outro diferente (já lá vamos ao novo nome...), que conduziria os aveirenses à infelicidade e à miséria.

A história recente aponta casos de flagrante injustiça na vida da nossa terra, ao perder praticamente a sua independência administrativa para as mãos de Coimbra. Dia-a-dia, uma acção concertada vai chamando a autoridade para a parcialíssima Comissão de Coordenação da Região Centro, através do velho sistema do facto consumado. Ora, a esta prepotência, Aveiro só pode responder com um acto de luta perfeitamente legal — o de uma vigorosa e constante defesa da unidade geográfica do distrito, constituída em efectiva Re-

Continua na página 2

Viva a REGIÃO DE TURISMO!

VICTOR CEPEDA MANGERÃO

PARECE que, finalmente, está a chegar ao seu fim o processo de criação da região turística aveirense. Processo que, valerá a pena lembrá-lo, foi tão longo como eriçado de obstáculos, uns por causa das opiniões contraditórias, outros originados pela natural complexidade do assunto. Fosse por que fosse, três anos decorridos sobre o seu arranque inicial, a região de turismo irá nascer formalmente daqui a escassas semanas e, certamente, não demorará muitos meses a demonstrar o seu dinamismo e a validade da sua existência.

De facto, fundada sobre o consenso das autarquias, a futura comissão regional estará vocacionada para coordenar, incentivar e assumir, da maneira mas eficaz e rentável, as actividades que, num amplo leque, integram aquilo que, genericamente, se designa por «turismo regional». É sabido e largamente anunciado que, dentro do nosso País, tão facetado e rico, a região coberta pelo Distrito de Aveiro contém factores excelentes de desenvolvimento da actividade turística. Sendo certo que existem já alguns polos localizados dispondo de infra-estruturas de qualidade e com renome firmado, a maior parte da região quedou-se, no entanto, até ao momento, num lastimável marasmo, apesar de enormes e inequívocas potencialidades.

A principal função da comissão regional terá de balizar-se, precisamente, entre a lúcida promoção dos valores já existentes e a criação de novas áreas de desenvolvimento da actividade turística. A ligação orgânica com as próprias câmaras dos concelhos reveste-se de enorme importância: sem a adesão destas, dificilmente se poderão viabilizar quaisquer medidas, sejam elas de carácter regulamentar ou de natureza económica; contra os interesses dos municípios também seria impensável realizar qualquer projecto mínimo e construtivo, já que, pela própria natureza das coisas, o turismo é uma actividade interdisciplinar que pressupõe altos índices de criatividade e de solidariedade entre as suas partes componentes. Assim, a regionalização turística parece estar a ser, neste momento, no nosso País, o primeiro campo onde se ensaiam com êxito soluções de descentralização e de desconcentração de poderes.

Na verdade, sem pretender rotular a região turística como uma organização basista, ela é, pela sua filosofia como pela sua representatividade, um esquema bastante aperfeiçoado de emanação do poder local, através de um salto em frente em termos de coordenação, de esforços e meios, e de assunção de competências até aqui privativas de orgãos do poder central. Poder-se-á vaticinar, portanto, que a criação da região de turismo de Aveiro será, não só o motor essencial para a incipiente indústria turística como, simultaneamente, um ensaio privilegiado com vista ao processo de regionalização do País.

Acrescente-se, apenas, que o turismo, precisamente quando encarado da forma mais realista e profissional, exige sempre uma especial atenção aos elementos culturais, ambientais e sociais

Continua na página 2

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

XCVII

Em 1896 — já lá vão 88 anos — Jerónimo Penimo Pereira Campos — um dos artistas que, em Aveiro, tanto honraram a sua classe, conforme já me referi na minha ACHEGA número XXV — resolveu montar uma fábrica mecânica de cerâmica de barro vermelho onde se fabricariam telhas do tipo de Marselha, e outras, com o intuito de arrumar os filhos mais novos — o João e o Henrique — pois os mais velhos — o Ricardo e o Domingos — já ele tinha arrumado, montando, nos Arcos, ao primeiro, um estabelecimento de mercearia fina, e, ao segundo, uma oficina de encadernação.

Com pouco capital, foi à custa de muito trabalho e enormes sacrifícios que eles conseguiram construir, nas Agras, (onde havia muito barro — e de boa qualidade) o edifício da fábrica, e a puseram a trabalhar; e, depois de começarem a produzir, tiveram enormes dificuldades em conseguir mercados para a colocação do seu material, tanto mais que a *Fábrica da Fonte Nova*, da família Melo Guimarães, que se dedicava, especialmente, à cerâmica de barro branco, também fabricava telhas de barro vermelho e tinha, já, o seu mercado organizado.

Esta fábrica estava situada na Fonte Nova, onde, hoje, se encontram as oficinas de reparação de automóveis.

Para vender, fora da área de Aveiro, havia que estabelecer a concorrência e, para tanto, era necessário procurar, com os meios de que, então, se dispunham — o comboio e a bicicleta —, as povoações onde havia estabelecimentos de venda de materiais de construção e, até, nelas, e em outras, criar agentes e representantes que se encarregassem da venda das telhas, logo que soubessem de alguém que tencionasse construir uma casita, aconselhando o emprego da telha-marselha, pelas vantagens que esta

Continua na página 2

"BANDA AMIZADE"

Antecedentes e primórdios

JOÃO GONÇALVES GASPAR

***A** «Banda Amizade» está, nestes dias, a comemorar festivamente os seus cento e cinquenta anos de existência; é a mais antiga filarmónica do concelho de Aveiro e pertence ao grupo reduzido das mais velhas do Distrito. Às nossas congratulações juntamos o desejo de que prossiga na sua actividade cultural, para bem da nossa terra.*

O facto sugeriu-me esta breve nota sobre os seus antecedentes e primórdios. Quando e como nasceu a «Banda Amizade»? São interrogações a que não é fácil responder. Tentarei, em poucas linhas, dar uma explicação.

Em 1817, instituiu-se na igreja da Misericórdia, em Aveiro, com certa ligação à respectiva Colegiada, uma orquestra de sacerdotes, com a finalidade de se solenizarem, digna e convenientemente, as festas litúrgicas na Sé, que continuava sendo a mesma igreja. Regia-a o Padre José Joaquim Plácido (ou Padre José dos Santos Silva, segundo Rangel de Quadros) — vulgarmente conhecido por Padre José Parracho. Para o seu tempo, este homem era não só um bom cantochanista, mas também um bom músico no canto e no instrumental, chegando a tocar diversos instrumentos, sem desmerecer de tendências familiares. Ensinou nessa arte muitas pessoas de ambos os sexos e, desde 1830 até à morte, foi professor de cantochão no Seminário de Aveiro; além disso, deixou muitas composições musicais próprias para igreja. Teve como aluno, nas primeiras

Continua na página 2

QUE JORNAL?

AMADEU DE SOUSA

APÓS um novo hiato de quase trezentos e sessenta e cinco dias, reaparece, por disposição legal, mas efemeramente (supomos), este semanário.

É com bastante mágoa que o assinalamos e nos permitimos escrever estas poucas linhas, acentuando o enorme vazio que enche o panorama local.

Orgão isento e independente, coluna de diálogo aberto, de opinião livre, mas construtiva, reside nele força, a arma pacífica de que a Cidade e o Distrito neces-

Continua na página 5

«BANDA AMIZADE»

Continuação da primeira página

lições de música, o então menino de coro da igreja da Misericórdia, José Pinheiro Nobre — o «Marcela» — que depois foi discípulo do espanhol Cléder, exímio tocador de trombone de varas.

Mas voltemos atrás. Por um documento de 8 de Janeiro de 1675, sabe-se que, já antes desta data, se realizava em Aveiro a Procissão das Cinzas, ao iniciar a Quaresma, a qual viria a fazer-se pela última vez em 19 de Fevereiro de 1969. A que propósito, porém, é para aqui chamada a secular Procissão das Cinzas? — Apenas por isto: é que tomava parte no préstito uma charanga, de pouquíssimos instrumentos, como era uso, formada por alunos actuais e antigos das aulas que os frades franciscanos de Santo António mantinham nos baixos do seu claustro. Como se coadunava bem com o espírito de S. Francisco de Assis um agrupamento musical!...

Em fins de Maio de 1834, foi extinto, compulsivamente, o Convento de Santo António, pelo decreto de Joaquim António de Aguiar — o «Mata-Frades». Com a retirada dos religiosos franciscanos, suspendiam-se em Aveiro não só o curso de Teologia, que por eles era ministrado, mas também a única escola de instrução primária da Cidade, as aulas de Latim, Filosofia, Retórica, Francês, Geometria, Geografia e História, as lições de Música para os rapazes da charanga, e o ensino do Canto Gregoriano, destinado aos que seguiam a vida conventual.

Em princípios de 1834, organizou-se, em diversas localidades do País, a chamada «Guarda Nacional» que, em Aveiro e Ílhavo, teve existência jurídica por decreto de 29 de Março desse ano. José Pinheiro Nobre — o tal menino de coro da igreja da Misericórdia e pequeno discípulo do Padre Parracho — contava agora treze anos e era já um apreciável executante de trompa; nesta qualidade, fazia parte da banda daquela «Guarda Nacional», ao mesmo tempo que prosseguia no estudo de Música com D. Rumán Avias, de naturalidade espanhola, que foi mestre da banda do Regimento de Caçadores n.º 28. Como este e como Cléder, foi depois José Pinheiro Nobre notável executante de trombone de varas.

Passados anos, em 1846, após a ausência prolongada em Viana do Castelo, foi ele que, juntando-se ao Padre João de Pinho, reagrupou a antiga «Filarmónica de Aveiro», com os elementos saídos da «Guarda Nacional», então dissolvida.

Lamento não apresentar qualquer dado histórico que apoditicamente nos certifique a data exacta da fundação da «Música Velha». Se não fosse a afirmação de que José Pinheiro Nobre, em 1846, reorganizou a antiga «Filarmónica de Aveiro», concluir-se-ia que esta teria sido fundada em 1846, e não em 1834, como comummente se supõe. Teria sido José Pinheiro Nobre, aos treze anos de idade (1834), o elemento preponderante na fundação da «Música Velha»? A afirmativa não é muito de acreditar. Agrada-me concluir que a filarmónica, sem solução de continuidade, foi herdeira da tradição franciscana, por um lado, e, por outro, da escola do Padre Parracho e do entusiasmo de vários naturais de Aveiro ou aqui radicados. Desta forma, a banda significaria uma decidida aglutinação de boas vontades, quiçá com tendência a dispersarem-se; venceu o associativismo, o bairrismo e a dedicação pela música.

Entretanto, em 1855, surgiu um contratempo. Alguns elementos da «Filarmónica de Aveiro» recusaram-se a tocar gratuitamente na festividade que a Ordem Terceira de S. Francisco tomara a iniciativa de levar a efeito em honra da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, cujo dogma pontifício havia sido solenemente proclamado em 8 de Dezembro do ano anterior. Perante isso, José Pinheiro Nobre e diversos componentes da referida banda uniram-se à filarmónica da Vista Alegre. Pouco depois, José Pinheiro Nobre, continuando desligado da banda donde saíra, fundava e regia em Aveiro uma nova filarmónica, cuja estreia seria em 12 de Maio de 1856 e à qual dera o título de «Filarmónica Aveirense».

Em face da ocorrência, e para evitar confusões, a «Filarmónica de Aveiro» passou a designar-se por «Banda Amizade».

Compreende-se a escolha do nome. Os homens que continuaram fiéis à «Música Velha», apesar de outras solicitações e de novos ventos, sentiram-se bem unidos em fraterna amizade e não deixaram o conjunto que gostosamente serviam. Ficou-lhes bem o epíteto que escolheram; ainda hoje — estou certo disso — lhes fica bem o mesmo apelido.

João Gonçalves Gaspar

Viva a região de Turismo!

Continuação da primeira página

das populações e das regiões. Daí que, mais uma vez, a ligação directa do organismo regional às Câmaras Municipais possibilite, melhor do que qualquer outra fórmula anterior, a colaboração das próprias colectividades populares, grupos e pessoas, em cujas mãos, afinal, tantas vezes humildes e anónimas, mora aquilo que, ainda, temos de bom em folclore, artesanato, gastronomia e tradições de portuguesismo. Uma região de turismo que, ao fim de tão morosa e arrastada gestação, consegue merecer, finalmente, o consenso da quase totalidade dos municípios aveirenses, há-de, forçosamente, retratar as preocupações e aspirações de todos, mas, sobretudo, deverá ser capaz de assumir, com correcção e eficácia, os valores e as potencialidades comuns. A região de turismo não é uma soma de pequenos turismos concelhios, mas sim um novo corpo, qualitativamente diferente, coeso e forte, mercê da sua superior dimensão, da sua representatividade e dos meios técnicos e legais ao seu alcance.

Numa época de crise como a que atravessamos, a aposta dos municípios na regionalização é uma válida demonstração de discernimento político e de optimismo no futuro. São imensas as potencialidades da região aveirense no campo do turismo — todos o reconhecemos. Mas não bastará ficar pelas palavras nem pelas boas intenções: o turismo de que interessa falarmos, e que justificará todo o nosso entusiasmo, terá de ser o turismo enquanto actividade geradora de riqueza, que se traduza em números concretos e construa condições melhores para a comunidade. Um turismo que, como qualquer indústria, exige planeamento e adequação de estruturas, investimento e propaganda, eficácia e rentabilidade. Um turismo, pois, do nosso tempo, para nos ajudar a ultrapassar a crise. Estaremos todos de parabéns quando, num futuro próximo, pudermos verificar que a região de turismo de Aveiro, agora nascente, soube assumir e concretizar esta noção de turismo, a única que poderá traduzir-se em dólares, em novos postos de trabalho e no valer a pena preservarmos as nossas paisagens, os nossos costumes, o nosso Sol, enfim, a nossa identidade.

Victor Cepeda Mangerão

Achegas para a

Historiografia Aveirense

Continuação da primeira página

tinha quanto à aplicação da de tipo português (ou mourisca), de cano e capa, que, então, se usava.

E foi o João quem tomou, para si, este encargo, acontecendo, muitas vezes, andar dias por fora de Aveiro, sem ter onde dormir e se alimentar convenientemente, pois então — e em muitas terras — não havia quem, até a pagar, fornecesse hospedagem a estranhos, chegando mesmo, segundo a sua informação, a passar fome, ainda que com dinheiro no bolso.

Ao Henrique coube a missão de acompanhar o fabrico do material e a continuação da construção do edifício da fábrica, pois era um exímio e exigente mestre-de-obras, não tendo jeito para ser administrador, e não sabia lidar com a clientela, ao contrário do João que aliava à sua qualidade de técnico a de administrador.

Dizia-me este que, umas vezes em bicicleta de uma só pessoa, outras vezes em *tander* (bicicleta de dois ou mais lugares), acompanhado do João Coelho, então ao serviço da fábrica (o qual terminou a sua vida como Informador Fiscal, depois de ter sido, também, Ajudante de Farmácia) percorreu centenas de quilómetros para fazer a propaganda da fábrica e vender as telhas que a mesma produzia.

Por ele soube, também, que a fábrica montou, nos barracões, há pouco tempo demolidos, junto à Ponte-de-Pau, e que, ultimamente, serviam de armazém a farrapeiros e a sucateiros — e que, hoje, são terrenos da entrada do campo das feiras — uma secção para o fabrico de vidro, e, para isso, contratou pessoal especializado na Marinha Grande. Houve dificuldade em conseguir esse pessoal; no entretanto, os industriais que o dispensaram fizeram-no com má-fé, pois instruíram-no, e pagavam-lhe, para provocar prejuízos na firma para onde vinha trabalhar — (que, de vidros, nada sabia).

Esses industriais tinham o maior empenho em arruinar um possível concorrente, tanto mais que a Zona Norte do País era considerável cliente das fábricas da Marinha Grande, importante centro vidreiro.

O pessoal de Aveiro, que trabalhava na escção do vidro, parecendo-lhe fora do normal as avarias que, constantemente, estavam a acontecer, começou a «magicar» que elas seriam provocadas pelo pessoal vindo da Marinha: os técnicos, como, hoje, lhe chamaríamos.

Juntaram-se com o fim de conseguirem averiguar a razão de ser de tantos prejuízos que a firma estava a suportar; e, concluindo que eles — que de vidros nada sabiam — não tinham possibilidade de chegar a qualquer conclusão, resolveram, para o efeito, consultar uma *bruxa*.

Foi escolhida a de Adães, então muito afamada na nossa região.

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

Ora viva o «Distrito de Ilhavo»!

Continuação da primeira página

gião Administrativa. Com os seus dezanove concelhos unidos, ninguém nos acompanha no progresso, no desenvolvimento económico — turístico incluído —, na cultura do nosso povo! Até quando nos deixamos enlear, Aveirenses?

Pode-se apontar ainda outro exemplo específico: todos nos preocupamos, presentemente, com o empobrecimento do Beira-Mar. Há sinais evidentes de desinteresse da população de Aveiro pelo seu Clube e vêem-se enriquecer alguns colectividades de vilas e aldeias sem os valores da nossa cidade. Há uma apreensão geral. Todavia, tenho para mim que a origem do fenómeno resulta de a nossa colectividade pertencer à falsa Zona Centro — sempre o mesmo inquietante nome... Se, a nível da Segunda Divisão, apenas existissem a Zona Norte e a Zona Sul, o Distrito de Aveiro não estaria dividido e o Beira-Mar defrontaria um Sporting de Espinho, uma Sanjoanense, um Feirense, etc., não conseguindo, felizmente, subtrair-se à rivalidade e disputa local. Os nossos conterrâneos sentiriam a necessidade de demandar as terras onde o seu representante jogasse e, em caso, actuariam forasteiros de mais próximo e de alto nível, com receitas completamente diferentes. Haveria uma melhoria nas condições do futebol-espectáculo, determinantes de resultados desportivos e económicos mais agradáveis.

E não é difícil encetar uma campanha para eliminar esta causa de mal-estar. Se a nível do desporto se amar verdadeiramente o Distrito de Aveiro, vencer-se-á esta batalha, de certeza, e os efeitos serão espectaculares e imediatos!

Mas não vejo concentrarem-se esforços para o defender. Propagandear apenas as suas potencialidades não basta. Os nossos atentos e esforçados adversários continuam a estender as suas «tenazes» e a despovoar-nos.

Com a última reunião da Assembleia Distrital, confesso que me senti frustrado. Reduziram-se, drasticamente, as probabilidades de o Distrito de Aveiro ainda poder vingar na onda desestabilizadora da regionalização. Acelerou-se o processo de desintegração e, por isso, é muita e cada vez maior a minha angústia.

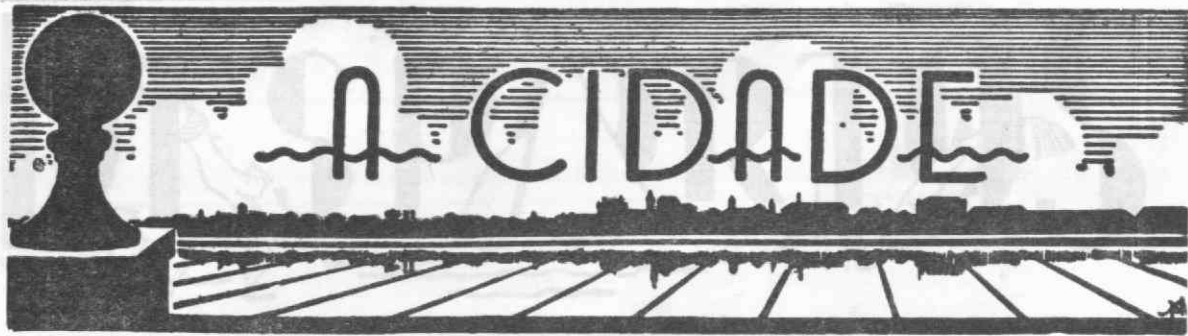
E penso já na mundança drástica do nome desta região, muito menos extensa, muito menos pródiga e, então, definitivamente subjugada ao mundo de Coimbra...

Com o devido respeito pelos nossos vizinhos e amigos da simpática Vila Maruja, afirmarei, sem orgulho:

MORREU O DISTRITO DE AVEIRO. POIS VIVA O «DISTRITO DE ILHAVO»!

MANUEL BOIA

Litoral

A tiragem normal deste semanário é de 2.200 exemplares por cada número.

76.º Aniversário dos «BOMBEIROS NOVOS»

Na sexta-feira da próxima semana, dia 30, completam-se 76 anos da muito relevante vivência da Companhia Voluntário de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes, mais conhecida por «Bombeiros Novos» de Aveiro».

Programa comemorativo:

Dia 30: às 21.15 horas, recepção aos convidados no quartel-sede, seguindo-se o hastear de bandeiras, com formatura do Corpo Activo e colaboração da Banda Amizade; às 21.30 h., Homenagem ao Bombeiro; às 21.45 h., sessão solene e apresentação do «Coral dos Bombeiros Novos». Sábado, 1 de Dezembro: às 9.30 h., missa de sufrágio pelos bombeiros, benfeitores e sócios falecidos, na igreja paroquial da Vera-Cruz, com a participação do Coral Vera-Cruz; às 10.30 h., romagem aos cemitérios, em preito de homenagem aos elementos falecidos; às 20 h., jantar de confraternização no quartel-sede (encontrando-se as inscrições abertas ao público, até 28 do corrente, no quartel, na Casa dos Jornais e no Café Gato Preto). Domingo, 2 de Dezembro: às 11.30 h., inauguração e bênção de novos equipamentos; às 15.30 h., desfile do Corpo Activo pelas ruas da cidade e demonstração de equipamento no Largo de José Estêvão.

Concurso para JOVENS ESTUDANTES

Com a finalidade de promover o aparecimento de novos valores literários entre a juventude estudantil de Aveiro, a Escola Secundária de José Estêvão vai organizar um Concurso Literário.

O respectivo Regulamento, com indicação de prazos, modalidades e prémios, irá ser distribuído brevemente nas escolas da cidade.

EXPOSIÇÕES

● Muitas têm sido as exposições ultimamente realizadas em Aveiro, de artistas locais e de outros, que, através dos seus trabalhos, focaram a região aveirense.

Tempestivamente, e com o merecido destaque, virão a estas páginas as respectivas notícias e devidos comentários.

● Com início no dia 20 e até 28 do corrente mês, patenteia-se na Galeria de «O Primeiro de Janeiro», no Porto, uma exposição de pintura do saudoso e grande artista Daniel Constant, que dividiu os seus relevantes méritos entre escrever e pintar.

Os trabalhos expostos representam flores e paisagem — sendo que, neste último âmbito estético, a Ria de Aveiro, tantas vezes focada nas aguarelas de Constant, aparece, no decorrente certame, com notável evidência e indiscutível mérito.

● Nos pavilhões da Quinta de Santo António (Estrada de Tabueira — Esgueira), os reputados decoradores Maria Adelaide e Jaime Borges irão expor valiosas antiguidades, a partir da noite de amanhã, sábado.

No «RIAPLANO» Dia da Pintura Infantil

«Para que as crianças sejam mais crianças» — é o lema dos promotores (os comerciantes do Centro Comercial RIAPLANO) do «Dia da Pintura Infantil».

A iniciativa realizar-se-á a partir das 10 horas do próximo dia 25.

Os responsáveis lançam um apelo aos pais e encarregados de educação para que levem as crianças até aquele Centro Comercial.

JURAMENTO DE BANDEIRA NO «BIA»

Trezentos soldados recrutas vão jurar bandeira no Batalhão de Infantaria desta cidade no próximo dia 29 do corrente, numa cerimónia presidida pelo Segundo Comandante da Região Militar do Centro, Brigadeiro António Máximo e Silva.

A cerimónia do Juramento de Bandeira está prevista para as 10 horas desse dia e as forças em parada serão comandadas pelo Major Cesário Costa.

FUNDAÇÃO GULBENKIAN CEDE AO MUNICÍPIO EDIFÍCIO DO CONSERVATÓRIO

O protocolo de cedência do edifício do Conservatório Regional desta cidade ao Município aveirense vai ser assinado dentro em breve, segundo foi anunciado numa das últimas reuniões da Edilidade local. A Fundação Calouste Gulbenkian acedeu a ceder o edifício à Câmara Municipal.

MINISTRO DA INDÚSTRIA NO DISTRITO DE AVEIRO

O Ministro da Indústria e Energia, Veiga Simão, virá, este fim-de-semana, ao Distrito; e terá uma reunião com empresários e as câmaras municipais no edifício do Governo Civil.

Veiga Simão visitará diversas empresas, nomeadamente dos concelhos de Aveiro, Ílhavo, Oliveira do Bairro e Oliveira de Azeméis.

A visita é considerada de trabalho.

«BANDA AMIZADE» SÉCULO E MEIO DE VIDA GLORIOSA

A Banda Amizade está a comemorar 150 anos de existência com um programa rico e variado, que teve início no último domingo com o desfile de quinze bandas de música da região e de uma fanfarra, pela Avenida do Dr. Lourenço Peixinho e que viria a terminar com uma actuação conjunta nas escadarias do edifício do Turismo local, nomeadamente com a execução da marcha comemorativa da efeméride sob a direcção do mestre António Neves.

O programa das comemorações, nesse dia com um aliado não previsto (a chuva que caiu), teve ainda um convívio no Pavilhão do Beira-Mar; e prosseguiu na segunda-feira com uma sessão musical por alunos e professores do Conservatório Regional desta cidade.

O distinto aveirógrafo e nosso apreciado colaborador Padre João Gonçalves Gaspar foi o conferencista da sessão solene, que teve lugar no salão nobre da Banda; de referir ainda um espectáculo no Teatro Aveirense, no qual participaram o Orfeão Universitário de Aveiro e a Orquestra Típica e Coral de Águeda, para além da própria Banda Amizade. A Banda de Música da Guarda Fiscal, com um concerto no Teatro Aveirense, também se associou aos 150 anos da Banda Amizade.

As comemorações terminam domingo, com uma missa na Sé, celebrada pelo Bispo da Diocese, D. Manuel de Almeida Trindade, e solenizada pelo Coral Vera-Cruz, e uma romagem aos cemitérios da cidade, na companhia das duas corporações de bombeiros.

Um almoço de confraternização com entidades oficiais está previsto para o último dia das comemorações, que integram ainda uma exposição filatélica no salão nobre do Clube dos Galitos e uma exposição de trabalhos de crianças das escolas primárias no salão nobre da Banda.

A Câmara Municipal concedeu recentemente à Banda Amizade a Medalha de Ouro da Cidade.

GRUPO CÉNICO DAS BARROCAS EM LISBOA

O Grupo Cénico e Etnográfico das Barrocas, desta cidade, actuará, em Lisboa, no dia 25 do corrente, no encerramento da «Expomar» que está a decorrer na FIL.

Aquele prestigiado conjunto, entretanto, tem marcado um espectáculo, nesta cidade, no Teatro Aveirense, para o dia 5 de Dezembro.

O espectáculo é inteiramente dedicado à Paróquia da Vera-Cruz.

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DA GLÓRIA VAI REUNIR

A Assembleia de Freguesia da Glória vai reunir no dia 27 do corrente, a fim de aprovar as actas da última reunião da Assembleia e assuntos de interesse para a Freguesia.

A reunião está marcada para as 21.15 horas nas instalações da Junta.

VISITA DO SECRETÁRIO DE ESTADO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

O Secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional visita o Distrito no dia 29 do corrente, nomeadamente o Centro de Formação Profissional de Riomeão e o Centro de Emprego de Aveiro.

Aquele membro do Governo assinará um protocolo com a CERCIAV e outro com o Centro de Acção Social de Ílhavo, visitando ainda os terrenos dos futuros Centros de Formação Profissinal de Aveiro e de Águeda. Reunirá, no Governo Civil, com as câmaras do Distrito.

NECROLOGIA

Durante o último e forçado interregno do «Litoral», muitos foram os aveirenses que deixaram este mundo.

A memória de alguns, que, por seus méritos, valorizaram as nossas terras será evocada nestas colunas.

Jacinto da Costa Lamego

Em 15 do corrente, faleceu Jacinto da Costa Lamego, que, em Abril transacto, completara a idade de 76 anos.

O saudoso extinto, que nasceu em Avintes (Vila Nova de Gaia) residia em Pinheiro Manso (Vale de Cambra).

Deixou viúva a sr.ª D. Lucília Barbosa e era pai da sr.ª D. Maria Aldina Barbosa Lamego e do nosso apreciado e dedicado colaborador Artur Lamego.

À família em luto os sentidos pêsames do «Litoral».

AGRADECIMENTO

JACINTO DA COSTA LAMEGO

A família do saudoso extinto, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todos quantos acompanharam na sua dor ou que tomaram parte no seu funeral e missa do 7.º dia.

AGENDA

Continuação da última página

gueriense — OVARENSE e Sport Conimbricense — SANGALHOS.

II DIVISÃO — ZONA NORTE

Sábado (3.ª jornada) — Desportivo de Leça — Vasco da Gama, Naval 1.º de Maio — ARCA, Francsico d'Holanda — Cdup, Vilanovense — BEIRA-MAR e Académico do Porto — Académica.

III DIVISÃO — ZONA NORTE

Sábado (2.ª jornada) — Gaia — Ginásio de Chaves, Beirões — GALITOS, Leça — Académico de Viseu, ANCAS — Montiagra e Desportivo da Póvoa — Sporting Figueirense (jogos da primeira fase da *Série A*); e Guifões — C.P.M. Lousanense — Bairro Latino, GINÁSIO DE ÁGUEDA — Oliveira do Douro, Desportivo da Guarda — Vermoim e ESGUEIRA — Desportivo da Covilhã (jogos da primeira fase da *Série B*).

II DIVISÃO

ZONA NORTE (sábado e domingo) — LUSITÂNIA DE LOUROSA — Famalicão, SANJOANENSE — Lixa, Paços de Ferreira — Fafe, Aves — Valonguense, Leixões — ESPINHO, Felgueiras — Chaves, Gil Vicente — FEIRENSE e Marco — Tirsense.

ZONA CENTRO (sábado e domingo) — Elvas — Torriense, Covilhã — ESTARREJA, Guarda — RECREIO DE ÁGUEDA, União de Leiria — Peniche, Caldas — Marinhense, BEIRA-MAR — Alcobaça, Mangualde — Benfica de Castelo Branco e União de Coimbra — Estrela de Portalegre.

III DIVISÃO

ZONA NORTE — Série B — S. Martinho — PAIVENSE, OLIVEIRENSE — Régua, Freamunde — Infesta, ESMORIZ — Vilanovense, Amarante — Ermesinde, OVARENSE — Valadares, Paredes — CUCUJÃES e Trofense — UNIÃO DE LAMAS.

ZONA NORTE — Série C — Académico de Viseu — Penalva do Castelo, Poiares — MEALHADA, Naval 1.º de Maio — ANADIA, Tondela — Seia, Gouveai — Santacombadense, LUSO — Belmonte, Marialvas — Lusitano e OLIVEIRA DO BAIRRO — Viseu e Benfica.

Todos estes desafios foram marcados para a tarde de domingo, 25 do mês em curso.

● Em FUTEBOL, estão calendariados, nos principais campeonatos federativos em que participam equipas aveirenses, os desafios que passamos a referir:

JANEIRO DE 1985

— Provável data do reaparecimento do Litoral

gina incluindo uma AGENDA — alusiva a três modalidades em foco; e UM VOTO — num texto em que legendamos duas fotografias que podem considerar-se «ex-libris» do Desporto de Aveiro-Cidade.

Isto para além de mais esta nota de abertura — a última de nossa autoria, na Secção Desportiva do LITORAL, já que confiamos, em absoluto, no reaparecimento do *semanário* em Janeiro de 1985.

UM VOTO

nos XIV e nos XV Jogos Olímpicos da Era Moderna; e também jamais poderá esquecer-se que outra das suas mais queridas colectividades, o popular Sport Clube Beira-Mar, fazendo reviver antigos pergaminhos na modalidade, foi, na década de 50, grande baluarte e quase mini-potência na natação nacional. Dois exemplos somente, de muitos (e em várias modalidades), que poderíamos hoje apontar para pôr em evidência a circunstância de Aveiro, uma cidade-anfíbia, sempre ter sido alfobre de praticantes de eleição, designadamente em desportos náuticos. As duas gravuras aqui reproduzidas (retiradas dos arquivos do LITORAL) mostram-nos um famoso e laureado «shell» de 4 dos alvi-rubros e recordam-nos uma inesquecível jornada de natação que se efectuou no tanque-piscina dos auri-negros (desaparecido para permitir a edificação do Pavilhão Gimnodesportivo dos beiramarenses, no Alboi).

Ditada pelo comportamento brilhante dos atletas que representaram Portugal nos Jogos Olímpicos de 1984, a nótula que aqui damos à estampa pretendemos que seja como que um positivo acicate para adormecidas potencialidades dos autênticos Homens do Desporto Aveirense (dirigentes e praticantes). Daqui a quatro anos, na asiática Seul, capital coreana, haverá nova edição dos Jogos Olímpicos — e bom seria que Aveirenses pudessem voltar a ser integrados na equipa de Portugal. Este o nosso voto, o nosso ardente desejo — voto e desejo que poderá concretizar-se, se todos, com afinco e verdadeiro querer, soubermos trabalhar sem desfalecimentos, em ordem ao engrandecimento de Aveiro.

A. L.

Que Jornal?

Continuação da primeira página

sitam para a defesa intransigente dos seus legítimos interesses.

Uma terra que cresce desmedidamente exige a sua presença, como alerta e repúdio de agravos, como espelho do progresso indesmentível, que os poderes centrais, de maneira ignominiosa, teimam ignorar.

Que a solução rápida dos problemas que o afectam se encontre, com pena de se continuar a perder o verdadeiro historial do dia-a-dia, em manifesto prejuízo para os vindouros; que o seu reaparecimento definitivo se torne realidade, são os anseios prementes de quem sente, bem no fundo, a sua terra esquecida e, pior ainda, ultrajada.

Até lá — que jornal?

AMADEU DE SOUSA

Secção dirigida por **António Leopoldo**

Janeiro de 1985 — provável data do reaparecimento do Litoral

27 de Novembro de 1981
26 de Novembro de 1982
26 de Novembro de 1983
23 de Novembro de 1984

As quatro datas com que abrimos a presente lauda são as que marcaram a saída das últimas edições do *semanário* LITORAL (incluindo já a que os leitores do nosso jornal tem agora diante dos olhos). Em vez de lhes chegar às mãos todos os sete dias, o LITORAL tem visitado os seus assinantes e bons amigos de longa data em dilatadas e fugazes saídas a público, sensivelmente com um ano de intervalo entre cada uma delas.

Nas diversas notas de abertura que fomos chamados a escrever na Secção Desportiva confiada à nossa direcção, temos anotado — de modo claro — que condicionalismos que ultrapassavam o específico âmbito desta página impediam que o LITORAL reatasse o seu normal ritmo de publicação semanal. E anunciámos algumas possíveis datas para um efectivo regresso à normalidade da sua vida — uma vez que se desenvolviam bons esforços para se poder atingir esse objectivo.

Reproduzimos determinado passo do texto saído no número 1367 (em 26-11-83): */.../ Motivos diversos — sem dúvida ponderosos e impossíveis de ultrapassar — impediram a concretização de quanto se tinha planeado e programado, prolongando-se as nossas longas e «forçadas férias». E hoje, com a presente edição, não regressamos ainda num retorno efectivamente marcado pela saída, em cada semana, de mais um número do LITORAL. Ao que se julga, agora, é possível que o jornal possa voltar ao contacto com os nossos leitores muito brevemente — para prosseguir, a partir de então, a sua longa vida de quase três décadas, num ritmo semanal, certo, seguro, sem falhas, /.../*

Trata-se de palavras que, hoje, permanecem perfeitamente actuais — mas a que, muito jubilosa e muito esperançadamente, deveremos também juntar outras palavras que exprimam a quase certeza do efectivo reaparecimento do LITORAL em Janeiro de 1985.

Esse é o nosso mais veemente desejo. E essa será a boa resposta há muito ambicionada por imensos Amigos — entre eles nos permtimos salientar muitos Aveirenses que trabalham longe da sua terra natal e fora do nosso País.

Ao que nos informam, de boa fonte, vai ser agora que o LITORAL voltará a ser *semanário* — deixando a sua precária e transitória condição de *anuário*... Aguardemos, portanto, muito confiadamente, a chegada de Janeiro do próximo ano de 1985...

Até lá, e na manifesta impossibilidade (que todos os leitores por certo reconhecerão) de condensar em arquivo, ainda que sintético, os resultados obtidos pelos clubes e pelos atletas aveirenses nos últimos quatro anos, planeámos o risco desta pá-

Continua na página 5

AGENDA

Em ANDEBOL DE SETE, encontram-se programados, para o próximo fim-de-semana, os seguintes desafios (em categoria de seniores), nas principais competições em que tomam parte clubes do nosso Distrito:

DIVISÃO DE HONRA

Zona Norte — Académica — Maia, Académico de Braga — Porto, Académica de S. Mamede — Desportivo de Portugal e SANJOANENSE — Académico do Porto. (Jogos marcados para sábado, dia 24). No domingo imediato, 25 de Novembro, defrontam-se: Maia — Académico de Braga, Desportivo de Portugal — Académica, Porto — SANJOANENSE e Académico do Porto — Académica de S. Mamede.

I DIVISÃO

Zona Norte — BEIRA-MAR — Sporting de Braga, Fermentões — SPORTING DE ESPINHO, QUIMIGAL — Salgueiros e Vilanovense — S. BERNARDO.

Estes desafios estão previstos para sábado, dia 24, com início às 21.30 horas.

No BASQUETEBOL estão agendados, para o fim-de-semana que se avizinha, os encontros que adiante se indicam (escalão de seniores-masculinos), nos Campeonatos Nacionais em que Aveiro está representado:

I DIVISÃO

Sábado (5.ª jornada) — Benfica — Queluz, Belenenses — Barreirense, SANJOANENSE — ILLIABUM, Porto — Olivais, Ginásio Figueirense — SANGALHOS e Sport Conimbricense — OVARENSE.

Domingo (6.ª jornada) — Porto — ILLIABUM, Benfica — Barreirense, Belenenses — Queluz, SANJOANENSE — Olivais, Ginásio Fi-

Continua na página 5

UM VOTO

Foi Ano Olímpico o 1984 que vai terminar dentro de pouco mais de uma trintena de dias. E, nos estádios norte-americanos de Los Angeles, alguns desportistas portugueses alcançaram, este ano, os mais apetecíveis sucessos, mercê de notáveis «perfomances» que vieram a culminar com a obtenção da *Medalha de Ouro* na mais significativa e importante prova de todo o calendário olímpico: a corrida da Maratona!

Um êxito que nos cumpre assinalar, nesta página. E que servirá de introito para um singelo apontamento evocativo, em que recordaremos honrosos louros de que Aveiro sempre se ufana, muito justificadamente. Aveiro-Cidade, capital de vasto Distrito em que se praticam, devotadamente, todos os desportos, lembra-se (com memória sempre viva, que o correr dos anos não empalidece nem embota...) dos *seus* valorosos remadores olímpicos do prestigioso Clube dos Galitos — que muito honraram as camisolas das quinas em Londres (1948) e em Helsínquia (1952), respectivamente

Continua na página 5

Litoral ANO XXXI — N.º 1368
AVEIRO, 23 - 11 - 84

Porte Pago